

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM LEITURA DE MÚLTIPLAS LINGUAGENS
TATIANI DAIANA DE NOVAES

A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR A CIBERLEITURA NA ESCOLA

CURITIBA

2004

TATIANI DAIANA DE NOVAES

A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR CIBERLEITURA NA ESCOLA

Monografia apresentada ao Curso de Pós Graduação em Leitura de Múltiplas Linguagens do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Leitura de Múltiplas Linguagens.

ORIENTADOR: Profa. Dra. Marta Moraes da Costa

CURITIBA

2004

AGRADECIMENTOS

Agradeço à meus pais por priorizarem meus estudos durante todos esses anos e por terem mostrado que o conhecimento é o único bem verdadeiramente meu.

EPÍGRAFE

“São muitos os desafios da vida para quem tem paixão”.
Vinícius de Moraes.

RESUMO

Pesquisa sobre a importância de trabalhar com a tecnologia na sala de aula. O estudo faz uma modesta discussão sobre o hipertexto e a importância dele ser trabalhado na aula de Língua Portuguesa. Sendo muito difícil, nos dias de hoje, distanciar-se da tecnologia, já que ela está em muitos lugares; propõe-se uma atividade para ajudar o aluno a desenvolver a *ciberleitura* e usar a tecnologia de maneira útil e consciente; porque acredita-se que o aluno precisa usar a tecnologia segundo sua necessidade e não ficar à disposição das necessidades tecnológicas. A atividade consiste na criação de uma *homepage*; através dela, o aluno trabalhará a leitura, produção e interpretação de texto. A monografia tem base em alguns teóricos como Roger Chartier, Vygotsky, Pierre Lévy, Piaget, Smith entre outros.

Palavras- chave: hipertexto, ciberleitura e escola.

SUMÁRIO

RESUMO	ix
INTRODUÇÃO	1
1 A INVASÃO DA INTERNET E UM NOVO PARADIGMA DE LEITURA	3
1.1 DO TEXTO AO HIPERTEXTO.....	3
1.2 MODOS DE LER O HIPERTEXTO.....	5
1.3 A NECESSIDADE DA HIPERLEITURA NAS AULAS.....	6
2 BASE TEÓRICA DE UMA PROPOSTA PRÁTICA PARA SER IMPLANTADA NA ESCOLA	8
2.1 VYGOTSKY, PIAGET, SMITH E ECO.....	10
2.2 A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO Á DISTÂNCIA.....	17
3 DESCRIÇÃO DE UMA ATIVIDADE PRÁTICA DE CIBERLEITURA	21
3.1 OBJETIVO E JUSTIFICATIVA.....	21
3.2 DURAÇÃO.....	23
3.3 LOCAL E PÚBLICO ALVO.....	23
3.4 INSTRUMENTOS.....	23
3.5 PROCEDIMENTOS.....	24
4 CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
ANEXO	38

INTRODUÇÃO

O termo “Ciberleitura” compreende a soma do prefixo “ciber” que tem sua origem na palavra “cibernética” (ciência que estuda as comunicações e o sistema de controle nos organismos vivos e também nas máquinas), com o complemento leitura; ou seja, é a leitura do texto da máquina, do hipertexto (texto eletrônico).

Cibernética tem sua origem do grego “kybernetiké” que remete por sua vez, ao timoneiro, ao ato de dar um curso à navegação em meio às intempéries e às calmarias. Tanto que hoje, nesse ciberespaço chamado “Web”, move-se em meio a acúmulos de informações e perdas de conexão com os servidores. Trata-se, de fato, não de buscar ou de encontrar, mas de construir uma orientação ao mesmo tempo que se avança nesse processo cognitivo e, se nada mais útil pode vir dessa metaforização espacializante, ao menos ela servirá para pensar o pensamento de uma maneira não habitual, associado a ele e em consequência, ao próprio ciberespaço onde, ele pode desenvolver os elementos e procedimentos dessa tipologia. Em outras palavras, parece ser importante saber como orientar o pensamento em um espaço onde a cognição ainda tateia, onde hipóteses ou formas de retórica argumentativa devem encontrar novos elementos e novas axiomatizações.

Pierry Lévy assim definiu o hipertexto: “são os textos que veiculam na internet, são um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, imagens, gráficos ou parte de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular.” Lévy, 1993. Ler um hipertexto significa portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível; porque cada nó por sua vez, contém uma rede inteira.

A necessidade de introduzir a tecnologia nas escolas e de desenvolver um trabalho ligado a ciberleitura, esbarra com a dificuldade que os professores têm de lidar com a tecnologia e com a falta de recurso das escolas para realizarem um trabalho como este.

Sabe-se que a invasão da tecnologia na vida das pessoas tem como consequência uma introdução não muito espontânea dessa tecnologia na educação.

Introdução esta que requer mudanças significativas nas estruturas das escolas e no papéis dos professores e dos alunos. Como toda mudança, esta também requer discussões, tentativas, reflexões e pesquisa, este trabalho vem como forma de contribuição para esse processo.

A inquietação com a emergência da informática e suas publicações canônicas, alternativas e periféricas trazem novos paradigmas de leitura e uma nova reflexão sobre a pedagogia vigente. Ainda hoje, mesmo depois de tudo o que fora criado em relação à metodologia de língua e leitura, percebe-se que a escola se apresenta pouco atrativa e sedutora. O uso do computador como ferramenta de trabalho nas escolas, o ciberespaço e o hipertexto; além de motivarem as aulas de Língua Portuguesa, diminuem a distância dos menos privilegiados com os mais privilegiados, encaminha para o uso útil da Internet, além de fazer refletir, sobre criticamente sobre a imposição tecnológica e a tecnocracia que há por trás dela.

A escola precisa acompanhar a evolução tecnológica para inserir o aluno nesse processo que transformou a construção do conhecimento, para que assim; ele tenha subsídios para adaptar a tecnologia a suas necessidades e não se adaptar aos interesses da tecnologia.

Vive-se em uma era de hiperinflação informativa, como diz Alckamar Luiz dos Santos em seu artigo “O Saber Internético”, o qual encontra-se no site NUPILL, um grupo de pesquisa da UFSC. Além do excesso de informação, sabe-se que ela hoje, é muito mais acessível, sendo verdade; o estudo apresentado aqui tem valor na medida em que se propõe a auxiliar o aluno a receber e a interagir com a informação dos textos nessa nova era informática, dando sentido a informação e não deixando-a desfililar na sua frente aleatoriamente.

O objetivo dessa pesquisa é refletir sobre as mudanças advindas da implantação de aulas de leitura de texto eletrônico nas aulas de língua portuguesa como motivador e orientador da leitura; avaliar, mesmo que parcialmente a necessidade de implantar aulas de ciberleitura nas aulas de Língua Portuguesa e apresentar uma proposta teórica e prática de trabalho para ser implantado nas escolas. A coleta do material para a elaboração do trabalho será feita por meio de pesquisa bibliográfica, especialmente em livros.

1 INVASÃO DA INTERNET E O NOVO PARADIGMA DE LEITURA

Uma parte da sociedade contemporânea que vem crescendo muito nos últimos anos, encontra-se envolvida por um halo tecnológico. Cada vez mais a tecnologia invade a vida das pessoas, através de bancos; máquinas de votar; aparelhos de eletrodomésticos e computadores. Na medida que o tempo passa, mais dispositivos informáticos ou telemáticos mediam e interferem na vida de muitos cidadãos comuns. Todo esse aparato imprime normas, conceitos e procedimentos até há pouco tempo desconhecidos e que não são absorvidos por grande parte da sociedade.

1.1 DO TEXTO AO HIPERTEXTO

Para Pierre Lévy, hipertexto, ou texto eletrônico, “é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, imagens, gráficos ou parte de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertexto”. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrelas, de modo reticular”(Lévy,1993:p33). Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível; porque cada nó por sua vez pode conter uma rede inteira.

As características do hipertexto, usadas por Lévy para conceituá-lo encontram-se no texto impresso; pois neste, também há quebra de linealidade do texto, como a poesia concreta por exemplo. As relações de intertextualidade potencializadas no hipertexto, tem origem da literatura que também dialoga o tempo todo com outros textos. A obra literária, traz pequenos núcleos de histórias dentro de uma história maior; parecido com o que se faz hoje em um hipertexto, o qual junta histórias dentro histórias, dentro de imagens, com sons tudo de uma maneira reticular. O modo não linear de ler o texto eletrônico, também não é uma novidade; já que os dicionários, as enciclopédias, a utilização de índices e intertítulos para orientar a leitura, os paratextos proporcionam esse tipo de leitura.

É importante que fique claro que quando falar-se de texto, trata-se do conceito definido por Humberto Eco “Todo signo é um texto virtual ou uma virtualidade de textos- e que todo texto é a expansão de um signo inscrito num universo sígnico em forma de enciclopédia.” (Eco,1984: p. IX).

Vários teóricos da teoria da leitura entre eles Umberto Eco e Wolfgang Iser explicam a participação do leitor na escolha do texto impresso; essas características apenas intensificam-se no texto eletrônico.

Semelhantemente ao hipertexto, o texto jornalístico por exemplo; faz uma sincronia entre gráficos, fotos e diferentes tipologias textuais.

Dom Quixote, um romance do século XVII, pode-se dizer que explora recursos hipertextuais, uma vez que é dividido em capítulos, marcados por subtítulos, epígrafes, linhas de apoio e sumário que mapeiam tipologicamente a leitura. As notas de rodapé de Dom Quixote e a rede imensa de histórias interpolada poderiam grosseiramente ser consideradas embriões de “links” eletrônicos atuais, como janelas abrindo para linhas paralelas de narrativas que entrecortam a história central. Buscando uma visão dialética, o hipertexto bebe na fonte das teorias estruturalistas e pós-estruturalista para tentar estabelecer que a informática potencializa as possibilidades hipertextuais do texto impresso em que ela realmente inova.

Embora o livro impresso permita ao escritor sugerir, por meio de diversos recursos, como ambigüidades e ironias, que há passeios alternativos através do mesmo texto, na maioria dos livros, como argumenta David Bolter, ainda predomina o passeio definido pela linha a linha, da primeira página até a última.

Muitas qualidades narrativas associadas ao hipertexto eletrônico são encontradas ou desenvolvidas no texto impresso. Características hipertextuais como fragmentação, descentramento de histórias ou de assuntos, multireferencialidade, multilinearidade, são qualidades que têm sido atribuídas ao hipertexto, por teóricos como Pierre Lévy mas que podem ser encontradas tanto em um autor barroco quanto em um contemporâneo.

A partir do conceito bakhtiano de intertextualidade e dialogismo, Kristeva, por sua vez, expôs o diálogo necessário de uma obra sobre a outra e a impossibilidade de se criar um texto inaugural fora das estruturas arquetípicas (geno-texto e feno-texto) da narrativa humana: “Qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é absorção e transformação de um outro texto”. Na esteira das revisões conceituais que atravessam esta época, Foucault e Barthes relativizaram a função do autor na obra, que passou a ser vista como uma entre tantas outras funções do sujeito. O leitor deixa-se de ser o sujeito físico que tenta perceber a intenção, para se construir como entidade lingüística e sujeito de enunciação, o “eu literário”

emancipou-se do “eu empírico” do escritor. A construção do leitor como sujeito da enunciação denominou metaforicamente de “a morte do autor”. As teorias da recepção acordaram para a importância do leitor no processo de atribuição de sentido à obra. Tendo o autor canônico perdido a posse do significado do texto, pareceram inúteis as tentativas de perceber a intenção da obra.

A literatura vive um torvelinho provocado por três rupturas epistemológicas importantes: 1. A teoria da intertextualidade; 2. A descentralização do sujeito escritor, que provocou fragmentação do autor-criador em diversas vozes e funções 3. A teoria da recepção, que introduz o leitor na tarefa de completar o sentido da obra.

As características discutidas acima, podem algumas vezes ser vistas de maneira acentuada no texto eletrônico.

1.2 MODOS DE LER O HIPERTEXTO

A Ciberleitura dispõe de alguns aparatos tecnológicos, que no programa *Word* localizam-se em um lugar chamado barra de ferramentas. Nessa barra tem-se ícones com funções como recortar; colar; copiar; avançar; desfazer; entre outros; que propõem uma nova maneira de ler. Outro exemplo é o comando *find* (localizar) disponível tanto nos editores de texto quanto nos navegadores, o uso desse recurso representa uma economia de tempo considerável na localização de palavras ou expressões que, em caso contrário, seriam dificilmente encontradas pelo leitor. Com isso, é o tempo, o ritmo e mesmo a ordem de leitura que se podem modificar, de acordo com ritmos e velocidades que resultam de um novo acordo. Não se trata mais entre de contingências físicas do leitor, de folhas de papel impresso e dando-se apenas ao olhar, mas de uma combinação entre as mesmas contingências físicas do leitor dos instrumentos de navegação e de leitura informáticos, que são propostos e intermediados por um aparato eletrônico que inclui elementos como *mouses* e teclados, imagens de cursores e de ícones, gestos e movimentos como cliques e ações de cortar e colar.

Roger Chartier é um dos principais historiadores do livro e uma das principais referências, hoje, quando se fala da transformação do texto impresso para o hipertexto e dos novos modos de ler. Para esse pesquisador, a mudança mais significativa de leitura desse novo texto é o fato de que o leitor não é mais somente leitor, mas também é, ao mesmo tempo, escritor.

Com a idéia de obra aberta que surgiu antes na ciberleitura, parece que não há nenhuma novidade na mudança descrita por Chartier, mas isso não é verdade. Com o hipertexto isso ficou mais acentuado, pois o leitor não só completa a obra como é o co-autor, porque ele pode até mexer no texto fisicamente. Ele tem acesso para retirar e colocar parágrafos, palavras, páginas. Com isso, a leitura fica mais ativa que nunca.

1.3 A NECESSIDADE DA HIPERTEITURA NAS AULAS

Na segunda metade do século passado, o avanço da tecnologia da informática, a par do espanto que desperta pela rapidez com que se transforma, vê seu emprego constituir-se razão de controvérsias; por isso a importância de verificar a real necessidade de implantação da Ciberleitura nas aulas de Língua Portuguesa. A Internet leva a palavra dos tempos pós-modernos. Não sem susto, porém. O abandono da página concreta, da ordenação visível das páginas, da linearidade; a possibilidade de múltiplas associações; a singularidade das interpretações permitidas a partir das associações disponíveis, tudo se transforma em um grande questionamento. Tudo o que é sólido se desmancha no ar literalmente. Toda a cultura humana solta, dispersa no ciberespaço. Cada programa de textos lançados em programas na rede, cria-se um jogo de comunicação, em que o sentido emerge da construção do contexto, das novas inter-relações propostas. Os agentes desse jogo são indivíduos que tecem sua própria rede, seu próprio hipertexto, a partir das possibilidades apresentadas e de tantas mais por eles mesmos propostas.

Dentro de um pensamento determinista que condiciona o raciocínio humano parece instaurar-se o caos. É preciso que se acompanhem, porém, as correlações. Pierre Lévy afirma que, no momento atual, a partir de uma nova configuração técnica, um novo estilo de humanidade está sendo inventado.

”Na Ciberliteratura, o computador funciona como uma “máquina aberta”, ou seja, uma máquina em que as informações de entrada ou *input* é diferente da informação de saída ou *output* por oposição às máquinas fechadas, como é o caso do gravador áudio ou vídeo, onde a informação de entrada é igual a informação de saída . O computador no seu todo (hardware mais software) equivale a uma “máquina semiótica” criadora de informações novas, o que conduz a uma alteração profunda em todo o circuito comunicacional da literatura no que concerne à criação, ao suporte e à circulação da mensagem.” (BARBOSA, 2000).

É preciso desmistificar, conhecer e empregar as tecnologias da inteligência. Um campo das novas tecnologias abre-se, de forma incerta e conflituosa, às mais diversas experiências.

O uso dessas tecnologias, a introdução de computadores nas escolas, pode transformar o determinismo tecnológico em um coletivo pensante. Tomando os termos leitor e texto no sentido amplo, é possível dizer que o objetivo de todo texto é o de provocar em seu leitor um certo estado de excitação da grande rede heterogênea de sua memória, ou então orientar sua atenção para certa zona de seu mundo interior, ou ainda disparar a projeção de um espetáculo multimídia na tela de sua imaginação.

2 BASE TEÓRICA DE UMA PROPOSTA PRÁTICA PARA SER IMPLANTADA NAS ESCOLAS

A sala de aula é um dos espaços privilegiados da educação na escola, nela encontramos diversas realidades. Ela pode ser vista como o lugar onde um conhecimento milenar é intermediado por métodos tradicionais cristalizados, que prima por uma “educação bancária”, como diz Freinet cujo travejamento é a memorização e repetição de conteúdo; ou como palco para inúmeras experiências que se afastam da rotina escolar. Duas concepções, à primeira vista antagônicas,

constróem o perfil da escola tradicional e da escola sociointeracionista e as distanciam.

Uma dessas inúmeras experiências chamada escola sociointeracionista tem como representante Vygotsky. Esse tipo de educação não leva em conta apenas o produto, ou seja, não o que os alunos conseguem responder; mas sim, como chegam a essas respostas. Nesse caso, o nível de desenvolvimento mental de um aluno não pode ser determinado apenas pelo que consegue produzir de forma independente, é necessário conhecer o que consegue realizar, muito embora ainda necessite do auxílio de outras pessoas para fazê-lo. O conhecimento do processo que o aluno realiza mentalmente é fundamental. O desempenho correto nem sempre significa uma operação mental bem realizada. O acerto pode significar, apenas, uma resposta mecânica. Daí então a importância nessa escola conhecer o processo que a criança utiliza para chegar às respostas. Do mesmo modo, conhecendo esse processo, e intervindo, provocando, estimulando ou apoiando quando o aluno demonstra dificuldade num determinado ponto, torna-se possível trabalhar funções que ainda não estão de todo consolidadas.

O papel do professor muda radicalmente em relação ao seu papel na escola tradicional. Ele não é mais aquele professor que se coloca como centro do processo, que ensina para que os alunos passivamente aprendam; tampouco é aquele organizador de propostas de aprendizagem que os alunos terão que desenvolver sem intervir. Ele é o agente mediador desse processo propondo desafios aos seus alunos e ajudando-os a resolvê-los, realizando com eles ou proporcionando atividades em grupo, em que aqueles que estiverem mais adiantados poderão cooperar com os demais. A aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento.

Outra experiência de sala de aula que se entrelaça com a proposta a ser dissertada nesse capítulo é a teoria piagetiana. Piaget foi responsável pelo elo entre a filosofia e a biologia, donde nasceu a psicologia do desenvolvimento. Ele estudou o modo que as crianças tem de pensar sobre as coisas e os métodos que ela usa para estabelecer relações entre elas. Entre outras pesquisas, ele estudou a relação entre o pensamento e a linguagem e define o conhecimento como a capacidade de organizar, explicar a realidade a partir daquilo que se vivencia nas experiências com os objetivos de conhecimento. Para ele experiência não é o mesmo que conhecimento, este pressupõe a realização da experiência num sistema de relações.

Há uma outra experiência importante dentro da Pedagogia, dentre das inúmeras realizadas na educação, a chamada educação à distância que precede a educação e tecnologia que é a que realmente interessa nessa proposta de ensino. Para G. Dohmem (1967):

“Educação a distância é uma forma sistematicamente organizada de auto estudo onde o aluno se instrui a partir do material de estudo que lhe é apresentado, onde o acompanhamento e a supervisão do sucesso do estudante são levados a cabo por um grupo de professores. Isto é possível de ser feito à distância através da aplicação de meios de comunicação capazes de vencer longas distâncias. O oposto de educação a distância é a educação direta ou educação face a face: um tipo de educação que tem lugar com o contato direto entre professores e estudantes. A educação a distância é um recurso de incalculável importância como modo apropriado para atender a grandes contingentes de alunos de forma efetiva”.

É importante observar que a educação a distância não pode ser vista como substitutiva da educação convencional, presencial. São duas modalidades do mesmo processo. A educação a distância não concorre com a educação convencional, tendo em vista que não é este o seu objetivo, nem poderá ser.

A escolha da modalidade da educação a distância, como meio de dotar as instituições educacionais de condições para atender às novas demandas por ensino e treinamento ágil, célere e qualitativamente superior, tem por base a compreensão de que, a partir dos anos sessenta, a educação a distância começou a distinguir-se como uma modalidade não convencional de educação, capaz de atender com grande perspectiva de eficiência, eficácia aos anseios de universalização do ensino e, também, como meio apropriado à permanente atualização dos conhecimentos gerados de forma cada mais intensa pela ciência e cultura humana.

A modalidade de educação à distância faz uso de variados tipos de aparatos eletrônicos como televisão, rádio, vídeo cassete, dvd e computador; ou seja; ela foi a chave introdutória da educação informática e, conseqüentemente, da Ciberleitura.

Essa proposta monográfica é uma modalidade de educação e tecnologia a qual pretende utilizar a sala de informática nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, fazendo uso do repertório de conhecimentos da pedagogia tradicional articuladas à pedagogia ativa sociointeracionista de Vygotsky, apoiados na ação de ler e produzir, tendo o computador como ferramenta de trabalho.

O objetivo da atividade é aliar leitura e produção, oportunizando-as na tela do computador e no livro paralelamente, sem priorizar ou menosprezar um ou outro

processo, mas pensando que o primeiro pode estimular o segundo, e ambos podem coabitar o mesmo espaço, tornando a escola agradável, um reduto para se ler, criar e produzir. É importante ressaltar que esta proposta pedagógica pretende distanciar-se da leitura mecânica, repetitiva.

2.1 VYGOTSKY, PIAGET, SMITH E ECO

Destaca-se na atividade aqui proposta o caráter construtivo do processo de aquisição de conhecimento. A visão de um ser humano estático, moldável é substituída por aquele de um ser humano com vontade própria, situado em um determinado contexto dinâmico, portador de competência seletiva, interpretativa, capaz de atribuir significado ao objeto de conhecimento, de avaliar as situações que geram esse conhecimento e às quais estão circunscritos. Constitui-se portanto, num indivíduo que não apenas é responsável pela autodeterminação da construção de seu conhecimento, mas que é francamente permeável às influências do grupo a que pertence, do contexto dinâmico e pleno de contradições no qual vive.

No âmbito dessas observações primeiras, passa-se a focalizar a situação ideal de sala de aula, em que professor e aluno encontram-se envolvidos em um processo ensino-aprendizagem interativo, concentrando-se mais a atenção e o interesse no campo da aprendizagem, que deve, obviamente, ser também interativa. O professor assume o papel de orientador, de facilitador, de organizador dessa aprendizagem, estimulando a autodeterminação do aluno no processo de construção de seu conhecimento. Esse processo apresenta-se, de um lado como uma construção individual pela interação entre aluno e o objeto de conhecimento; de outro, social por influência do professor e das intervenções pedagógicas a que o aluno está sujeito. Configura-se, assim, uma tríade professor-objeto do conhecimento-aluno em que o social mediatizado impulsiona o funcionamento mental, indicando que o modo de agir e de pensar de cada implicado na corrente interativa revela sua origem nas marcas de um contexto social e cultural dinâmico.

Constata-se, nessa explicitação, a ocorrência de um processo de assimilação e de uma posterior apropriação de dados culturais em toda a sua abrangência, os quais são transformados pelo indivíduo. Esse entendimento é preconizado por Vygotsky:

“ Um signo é sempre originalmente um meio usado para fins sociais, um modo de influenciar os outros e só posteriormente vem a ser um modo de auto-regulação. (...) A função mental da palavra só pode ser explicada por um sistema que vai além do indivíduo. A primeira função da palavra é a função social e, se quisermos traçar como ela funciona no comportamento do indivíduo, devemos considerar como ela é usada e funciona no comportamento social. (apud Smolka, 1991:p 55).

Vygotsky afirma, portanto, que o social é a origem das funções mentais humanas, ocorrendo entre indivíduos distintos, num processo interativo inicial e, posteriormente, na interioridade de um mesmo indivíduo.

Esse autor propugna que as funções psicológicas superiores distinguem-se pela origem sociocultural, emergem de processos psicológicos elementares, de origem biológica, sendo manifestadas pelas crianças na interação que desenvolve com a sua cultura. Pode-se visualizar, com base nessas considerações, uma relação estreita entre a história individual e a história social de cada indivíduo, revelada no emprego da palavra:

“Concepção do significado da palavra como uma unidade tanto do pensamento generalizante quanto ao intercâmbio social é de valor inestimável para o estudo do pensamento e da linguagem, pois permite uma verdadeira análise genético-causal, o estudo sistemático das relações entre o desenvolvimento da capacidade de pensar do indivíduo e seu desenvolvimento social”. Vygotsky, 1987:p 6.

Visualiza-se em Vygotsky a defesa da gênese social do conhecimento: o primeiro reconhece duas formas de mediação responsáveis pela construção histórica da consciência: por intermédio da palavra e pela interferência do outro; o segundo reconhece que a atividade mental inexistente desvinculada da mediação do mundo pelos elementos do jogo comunicativo por intermédio da palavra, mesmo num meio repleto de signos não-verbais.

Tanto Vygotsky enfatiza o social, entendido como conjunto de manifestações exteriores ao indivíduo, concretizado na forma de vivências e experiências cotidianas que, filtradas pela linguagem, passam a construir a forma social da mente.

Se o professor tem o conhecimento e convicção dessa dimensão proposta pelos autores referidos, o seu desempenho em classe como orientador do processo ensino-aprendizagem deve assumir a valorização social em suas ações. Tomando como foco o ato de ler enquanto experiência individual, este não deixa de constituir, ao mesmo tempo, uma experiência social, uma vez que envolve pensamento e linguagem, cuja gênese é marcadamente social. Essa abordagem imprime maior

abrangência e profundidade à ação docente na tarefa de mediação de experiências e conhecimentos.

Leva-se em conta, na proposta pedagógica descrita a seguir, o que o aluno consegue produzir de forma independente; mas também, aquilo que o aluno pode fazer com o auxílio do professor e dos colegas, reforçando assim o pensamento de Vygotsky em que o professor não é o centro, mas o mediador, que os alunos mais adiantados poderão cooperar com os demais, rompendo-se assim o conceito de que as turmas devem ser organizadas buscando-se uma homogeneidade. Nessa perspectiva, elimina-se a falsa verdade de que o aluno deve, sozinho, descobrir suas respostas; de que a aprendizagem é resultante de uma atividade individual e interpessoal. Aquilo que o aluno realiza hoje com a ajuda dos demais, provavelmente estará realizando sozinho amanhã. Vygotsky afirma que, num primeiro momento, o conhecimento se constrói de forma inter-subjetiva (entre pessoas) e num segundo momento, de forma intra-subjetiva (no interior do sujeito); tomando como apoio essa perspectiva, a atividade sugerida baseia-se na constituição do pensamento e a construção do conhecimento incorporando o papel do outro.

Outro aspecto apresentado por Vygotsky a ser levado em conta é a importância que do processo em relação ao produto final quando se trata do aprendizado do aluno; ou seja; o importante é como o aluno chegou no resultado final e não o resultado final em si. O aspecto a ser observado e avaliado é a maneira que o indivíduo construiu o texto, que outros textos ele leu, que pesquisas realizou e não o resultado final do texto produzido por ele. No caso da proposta de Ciberleitura proposta nesse trabalho, o mais interessante não é a *homepage* em si, mas a maneira, os artifícios, as leituras, as associações; enfim; o que foi feito para montar essa página de hipertextos.

A teoria piagetiana também contribui para a base dessa proposta, principalmente no que diz respeito à construção do conhecimento baseada a partir dos estímulos externos e os do próprio aluno. Sendo assim, a escola, o professor e os colegas serão facilitadores, estimuladores da construção do saber.

Piaget estuda a inteligência desde o período sensório-motor até o formal, lógico dedutivo estabelecendo estágios para o desenvolvimento. Esses estágios do desenvolvimento das crianças são fixos. Piaget insiste em dizer que as mudanças na cognição infantil ocorrem principalmente como resultado dos processos

maturativos, mas, hoje, não se acredita mais nessa rigidez toda. Sabe-se que as crianças podem perfeitamente dar saltos nesses estágios, um exemplo seria as crianças que aprendem a ler e a escrever na folha de papel e na tela do computador ao mesmo tempo, algumas até aprendem primeiro através do computador e depois na folha de papel. Isso é um salto de fases.

Essa teoria piagetiana tem quatro processos de aprendizagem:

- 1) Assimilação: ação de agitar e balançar.
- 2) Operações mentais: reunir, separar e classificar.
- 3) Acomodação: ampliação ou modificação de um esquema de assimilação.
- 4) Adaptação: a cada adaptação realizada, novo esquema assimilador se torna estruturado e disponível, para que se realize novas acomodações e assim sucessivamente, tornando-se conceitos.

Sendo assim, o que constitui o conhecimento, não é apenas uma associação, mas uma assimilação dos objetos de conhecimento do aluno; o papel da escola é dar oportunidade aos alunos de fazerem uso desses objetos.

A intenção é deixar de lado o método em que o professor sabe tudo e torná-lo um pesquisador em ação na sala de aula.

Umberto Eco contribui para a proposta a ser apresentada em dois aspectos, primeiramente no que diz respeito ao conceito de texto, apresentado no primeiro capítulo e ao que diz respeito à “enciclopédia” do aluno, ou seja, às vivências, o conhecimento e às experiências do aluno. Toda essa enciclopédia e transportada para a interpretação, é aplicada no ato da leitura e todo o seu conhecimento com esses referenciais preencherá as lacunas do texto.

Outra contribuição importante para esse trabalho é a de Frank Smith. Ele refere-se a Ciberleitura como leitura *on-line* e diz que as razões pelas quais as pessoas farão esse tipo de leitura são exatamente as mesmas razões da leitura do texto impresso: pela informação; pelo prazer; pela identificação e pela experiência. Não há novas razões para a leitura *on-line*, mas sim, uma nova gama de possibilidade de folhear documentos anteriormente inacessíveis, e até legalmente restritos e até de espionar intercâmbios entre especialistas e outras autoridades com ou sem a sua permissão.

A leitura tornou-se hábito para muitas pessoas e o computador também, a combinação da leitura com os computadores pode tornar-se irresistível. Nos livros é possível uma identificação com um personagem ou com vários personagens reais e

imaginários. Na Internet, o leitor pode interagir com eles. É verdade que existe uma grande quantidade de coisas sem qualidade, mas isso é apenas a espuma da maré que está invadindo os dias atuais. A escolha a auto-proteção serão habilidades significativas a serem desenvolvidas. O outro lado menos comentado da interação eletrônica é que as outras pessoas têm acesso à leitura e à informação sobre eles, seja esse o desejo dos leitores ou não.

Assim, como há mais oportunidades e até demanda de muito mais leitura, também haverá oportunidades e demanda para muito mais escrita, em um meio no qual caberá aos leitores a condução de grande parte da sua correspondência, negócios, atividades bancárias, votações e educação.

Para Smith e grande parte dos teóricos, essa onda tecnológica não significa o final dos livros. Milhões de pessoas tem um sentimento especial por eles pela sua aparência, ou seu contato, o seu cheiro, a sua conveniência e o fato de que posso colar pequenas tiras de papel com comentários escrito entre as suas páginas. Mas Frank Smith reluta em dizer que qualquer uma dessas características dos livros ou qualquer outra que permaneçam exclusivas deles. No momento em que você especifica alguma coisa que os computadores não possam fazer, é provável que um engenheiro em algum lugar invente uma maneira para que eles o façam. A tecnologia não substituirá o livro até que produza algo com a mesma aparência, sentido e cheiro dos livros, e que tenha a mesma conveniência. Então, a tecnologia não substituirá os livros mas terá se tornado livros. Para esse estudioso isso não seria um problema, mas suspeito que os livros ainda permanecerão a nossa volta pelo tempo em que as pessoas estiverem alguma preferência por eles.

Há uma pressão sobre todas as pessoas para se familiarizarem com a leitura no mundo em expansão da Internet, com seus novos conteúdos, novas correntes de opinião e convenções que invadem seus territórios. Como os leitores lidarão com isso? Através da experiência. Qual é a melhor maneira de adquirir experiência? Com um guia. E qual é o melhor lugar para um leitor encontrar um guia do mundo da eletrônica? No terminal adjacente, naquele que o leitor está esperando para usar, ou na própria Internet. Esses são os lugares onde professores e alunos devem se encontrar.

A maneira mais eficiente de tornar-se um leitor da Internet segundo Frank Smith é a mesma que em qualquer outro meio, ou seja, ser membro voluntário de um clube, com uma orientação experiente em vez de ensino específico, e tendo no

autor do texto o orientador mais poderoso. A Internet pode ser ótimo lugar para adquirir experiência em leitura, mas infelizmente também é um meio poderoso para a distribuição de ensino específico.

Na leitura do texto eletrônico, o interesse do aluno ainda é o ponto fundamental e o autor permanece sendo a pessoas que realmente irá ensinar leitura, *on-line* ou não. Os mesmos princípios que regem a organização do clube se aplicam *on-line*, outras pessoas mostram o que você pode fazer com a língua e com a tecnologia e o ajudam a fazer sozinho.

Para Smith, a tecnologia eletrônica pode ajudar a colocar os alunos em contato com o que elas podem querer ler; ela pode dizer-lhes onde encontrar determinados livros, revistas e jornais que elas podem desejar ou achar interessante e útil; e pode apresentar diretamente na tela a informação que elas podem achar relevante para uma determinada finalidade. A tecnologia eletrônica facilita todo tipo de pesquisa.

É quase impossível falar de leitura do texto eletrônico sem falar de produção de textos. No espaço telemático esses dois aspectos se fundem. Não há forma mais fácil de ter idéias na linguagem escrita, de apagar, revisar, modificar, editar, armazenar e recuperar. Poucos editores profissionais rejeitam os editores de texto depois de conhecê-los, mesmo que tenham usado, ou se recusado a usar máquinas elétricas durante anos. Qualquer aparelho que torne o ato de escrever mais fácil torna a aprendizagem da escrita mais fácil.

Na escrita no ciberespaço, não há mais tanta necessidade de se preocupar com a ortografia daquelas palavras estranhas ou de interromper o fluxo do pensamento para consultar um dicionário. Você precisa somente colocar algo, até mesmo a letra inicial e o computador irá selecionar na sua própria lista ortográfica como deve ser feita a composição. Não há necessidade de abrir um dicionário á procura daquela palavra que insiste em ficar somente na ponta da sua língua. Um toque na tecla pode fornecer-lhe um conjunto de sinônimos, ou antônimos para qualquer noção que tiver em mente. Existem corretores gramaticais, organizadores gerais e estão sendo desenvolvidos sistemas que examinam o estilo e o sentido.

Os computadores são freqüentemente e equivocadamente considerados como aparelhos solitários, que isolam as pessoas umas das outras. Mas, segundo Smith, isso não é verdade, com as redes locais e a própria Internet, os

computadores têm pela primeira vez, tornado possível que duas ou mais pessoas escrevam o mesmo texto juntas.

Uma característica marcante da Ciberleitura é que não há necessidade de levar um rascunho para se ele seja lido e comentado. As pessoas podem mostrar o que está sendo escrito simplesmente reproduzindo na sua tela com o toque de uma tecla. É possível abrir todos os conteúdos da memória, em termos de computador pelo menos. As pessoas podem comentar o que foi escrito, até produzir modificações, sem interferir. Pode-se orientar as sugestões enquanto elas foram feitas. Se as sugestões agradarem, pode-se aceitá-las e se não, pois texto original não terá sofrido alteração alguma.

Todas as pessoas estarão mais unidas através da tecnologia eletrônica. Os leitores estarão mais próximos dos autores, os escritores dos editores, os alunos dos professores, Não será mais necessário esperar que o próximo romance de um escritor seja publicado. Se o autor concordar, você pode lê-lo enquanto ele está sendo escrito, compartilhando intimamente da excitação e da frustração da composição, da disciplina da revisão e da edição. Até as crianças poderão interagir com seus autores favoritos desta maneira.

Com o uso do computador, é possível fazer um poema vivo em cada sala de aula. Todos os dias o professor e os alunos serão capazes de ver como ele mudou em relação ao dia anterior. Todos acrescentarão algo ou até terão a iniciativa de fazer o próprio poema. É necessário usar os computadores para envolver as crianças em rituais úteis, há um fantástico mundo de possibilidades da linguagem escrita. Em vez de exercícios, o computador pode acelerar e facilitar o uso criativo da linguagem escrita durante o dia de aula.

Para algumas pessoas, tudo o que foi apresentado aqui pode parecer um obstáculo de leitura para as crianças, já que se exige delas proficiência com computadores. Mas segundo Smith, elas não precisam de cursos sobre computação nem lições de como usar o teclado ou programar o aparelho. Tudo o que elas precisam é de pessoas que as ajudem a fazer o que elas quiserem fazer, Elas precisam ser admitidas no clube dos usuários de computador. E os melhores orientadores, freqüentemente, serão as outras crianças. São os adultos, não as crianças, que acham os computadores complicados e intimidadores.

A melhor maneira que as pessoas têm de aprender sobre informática e Internet é a mesma que as crianças têm de aprender qualquer coisa, explorando e

usando os computadores com a ajuda de algum colaborador experiente que faça parte do clube. Para os professores, este colaborador será, geralmente, uma criança. Na maioria das escolas e salas de aula onde a tecnologia foi instalada, as crianças são os especialistas. Elas são as que demonstram menos apreensão e preconceito.

A aprendizagem fazendo uso da informática e da Internet pode ser tão excitante e produtiva para o professor e para o aluno como a aprendizagem deveria ser. A tecnologia eletrônica não precisa destruir a alfabetização e não podemos permitir que isso aconteça. Com uma compreensão do que constitui a leitura e a sua aprendizagem, tanto os professores quanto os alunos podem ficar bem equipados para vencer qualquer desafio que a era eletrônica não precisa destruir a alfabetização e isso não será permitido. Com a compreensão do que constitui a leitura e a sua aprendizagem, tanto os professores quanto os alunos podem ficar bem equipados para vencer qualquer desafio que a era da eletrônica possa apresentar.

2.2 A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

A educação à distância tem por fio condutor as novas tecnologias como suporte mais otimizado no presente.

A educação a distância consiste no ensino por meio de mídia impressa ou eletrônica, onde os instrutores e os aprendizes estão separados no tempo e no espaço. A EAD (Educação a distância) é entendida como um processo educativo que exige a dupla via de comunicação e a instauração de um processo continuado.

Em consequência das inovações tecnológicas, a educação a distância tem sofrido contínuas mudanças, assim como, ampliado seu raio de ação. Pode-se vislumbrar neste caminho quatro gerações de tecnologias: a primeira, desenvolvida a partir de 1840, tem por base o texto escrito; a segunda, surgiu a partir de 1950, utilizando o rádio e a televisão; a terceira, que teve lugar entre os anos de 1960 e 1970, marca a incorporação das novas tecnologias, propiciando o surgimento de multimeios; a quarta, passa a utilizar o computador como ferramenta de comunicação, tendo na Internet o meio de ligação e de interação dialógica entre os sujeitos.

Na educação a distância, os meios tecnológicos assumem um papel fundamental de mediadores do conhecimento, na medida em que possibilitam a troca de informações e conhecimento de maneira célere e indireta. Segundo Lévy, quanto mais as linguagens se enriquecem, maiores são as possibilidades de similar, imaginar, fazer imaginar um alhures ou uma alteridade. A virtualização proporcionada pelas ferramentas tecnológicas, ao liberar o que era apenas aqui e agora, ela abre novos espaços, outras velocidades. Ligada à emergência da linguagem, surge uma nova rapidez de aprendizagem, uma celeridade de pensamento inédita. Neste sistema de educação a distância, os recursos tecnológicos se revelam como um elo que interliga a voz do professor à do aluno e vice-versa. Por isto a importância acessibilidade e a compreensão destes recursos tanto para o aluno quanto para o professor. Os sistemas computacionais por si só não podem comunicar, não podemos incorrer no erro grave de considerar os sistemas auto-suficientes para promover a comunicação e a interatividade. Nesta linha, estas mídias não são dialogantes, sabemos que, o diálogo ocorre entre dois ou mais sujeitos, o que se pode dizer é que estes recursos propiciam a potencialização da informação e da comunicação, que precisa e deve ser explorado para a prática educativa.

Como conseqüências das mudanças nos meios e procedimentos de EAD, vários estudiosos desta modalidade de educação apresentam em suas pesquisas, diferentes conceitos para a educação a distância. Aqui discutir-se-á sobre educação a distância, mediada pela *Internet*.

A educação a distância sempre teve um papel secundário em relação ao ensino convencional. Entretanto, segundo Lévy (1999), atualmente toma-se consciência dos novos paradigmas para aquisição de conhecimento e para construção dos saberes, direcionam-se para um sistema pedagógico que propicie a construção de trajetórias e percursos de aprendizagem, através a participação ativa do aluno de uma transição de informação num tempo e espaço flexível.

Assim, é um enorme desafio aprender a gerenciar o processo de ensino e aprendizagem a distância, além deste tipo de ensino exigir técnicas pedagógicas específicas, não se pode deixar de lado os aspectos tecnológicos. Afinal, não se pode incorrer no erro grave de fazer adaptações inadequadas que procuram dar uma nova aparência aos modelos de suportes pedagógicos tradicionais. Na EAD, o processo de ensino e aprendizagem ocorre entre professores e alunos fisicamente

separados, mas, conectados, interligados por tecnologias que propiciam a interatividade. Neste trabalho, são enfatizados a conexão via *Internet*, com ênfase nos conceitos de interatividade.

O conceito de interatividade implica a participação ativa do aluno, oferecendo-lhe a possibilidade de adquirir e construir sobre as informações recebidas, numa perspectiva de reciprocidade da comunicação.

Nessa linha, Lévy (1996) ressalta a importância de entender o significado da palavra virtual. O virtual surge a partir da subjetividade humana, quando o texto pode significar, ocorre à atualização do conteúdo do texto, ou seja, a interpretação da leitura. Deve-se entender texto no sentido mais geral como discurso elaborado ou propósito deliberado. A interface computacional é um suporte de leitura, o local onde existe informações disponíveis, que podem ser disponibilizadas por um usuário. O computador é antes de mais nada um potencializador de informações e de comunicações, que cada leitor pode editar uma montagem singular.

A EAD se insere nesse patamar da virtualidade, uma vez que estabelece relações virtuais, freqüentemente desterritorializadas, onde aluno e professores se unem por sistemas de comunicação. Os participantes compartilham os mesmos interesses, num espaço de interações sociais, que possibilita relações independentes do contato físico, do espaço e do tempo. Nos termos de Lévy, o campo da educação constitui um espaço aonde a virtualização vem se atualizar, por meio da modalidade do ensino a distância.

Pelo fato de ser um ensino não presencial, a EAD permite o surgimento de novos meios de interação e ritmo das cronologias, revelando uma multiplicidade de tempo e de espaço, até então não considerada no campo da educação. Procura-se, assim, no campo do Design, buscar subsídios para a construção de interfaces computacionais que acolham a heterogeneidade, a alteridade e o dialogismo, necessários para a transmissão de informação e para a construção do conhecimento.

No mundo contemporâneo, a educação a distância tem possibilidade de ganhar terreno, redimensionada pelas novas tecnologias de informação e de comunicação que facilitam e ampliam o acesso a informações e conhecimentos, que aparecem num ritmo cada vez mais acelerado. O ensino a distância mediado pela *Internet* possibilita um diálogo entre sujeitos.

3 DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE PRÁTICA DE CIBERLEITURA

3.1 OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

O que movimenta os processos de escrita e de leitura? Por que escrevemos e lemos? Somos movidos pela necessidade de expressar nossos pensamentos, de nos fazer ver e ouvir, de nos comunicar. O desenvolvimento de nossas funções intelectuais, na perspectiva vygotskyana, é mediada socialmente pelo processo de aquisição da linguagem escrita. Os signos lingüísticos, que no decorrer de nossa vivência são internalizados, geram mudanças no nosso modo de ser.

A escrita promove caminhos diferentes de pensar. Ela é uma forma de gerar, registrar e ampliar o conhecimento. Segundo Teresa C. Rego (1995, p. 68-69) "o domínio desse sistema complexo de signos fornece novo instrumento de pensamento (na medida em que aumenta a capacidade de memória, registro de informações, etc.), propicia diferentes formas de organizar a ação e permite um outro tipo de acesso ao patrimônio da cultura humana (que se encontra registrado nos livros e outros portadores de textos)".

Buscando a compreensão do binômio Tecnologia e Educação, partindo dos recursos disponíveis no ambiente escolar, propõe-se aqui uma atividade que visa a construção de *homepages*, envolvendo a aquisição da linguagem verbal e não-

verbal. A *homepage* é o resultado da elaboração de um sistema complexo simbólico de relações intertextuais e hipertextuais.

Introduz-se novos elementos no desenvolvimento do indivíduo, e configura-se um outro tipo de escrita que exige um novo aprendizado. O aluno não conta apenas com o papel, a caneta e o dicionário, mas escreve num teclado, lê numa tela e seu texto é corrigido pelo auto-corretor de textos que lhe aponta as possíveis formas corretas.

Para dominar a nova técnica, ele efetua processos de compreensão mentais mais complexos, diferente daquela do papel que ele já dominava.

O indivíduo depara-se com uma escrita não linear, pode fazer uso de imagens, palavras e sons simultaneamente, possui mobilidade espacial. Tudo isso facilita o processo de produção. A utilização de materiais diversos para ampliar ou representar um texto dão à página um aspecto lúdico que transforma o ato de ler e escrever numa aprendizagem em forma de jogo.

O indivíduo, ao construir *homepages*, observa como as sociedades organizadas se constroem e sofre mudanças no seu modo de relacionar-se com o meio. A aquisição e utilização desse tipo de linguagem ativa um processo novo para o estudante, propiciando uma compreensão de como a sociedade globalizada em que vivemos funciona, e uma visualização melhor dos laços de dependências que, no decorrer de nossa existência, criamos com o outro.

Esse trabalho não é uma novidade somente por se tratar de uma moderna tecnologia, mas porque introduz uma forma de escrita hipertextual com a qual a escola não está habituada a tratar. Uma escrita que permite ao leitor observar materialmente as diversas conexões que um texto possui, tornando concretos os cruzamentos de informações que os leitores geralmente efetuam.

Essa forma de escrita ativa processos mentais de leitura e escritura diferentes dos que o indivíduo vinha processando até o momento. Não se trata de dar ênfase a mais uma habilidade motora, está-se adentrando na mecânica da linguagem escrita, levando-os a observar como se dá o processo cultural e complexo de construir frases, textos, mudando inclusive o perfil da pesquisa escolar.

Ao agir nesse ambiente virtual, o indivíduo estabelece a interação entre os textos construídos que convergem num único texto. Assim como o desenvolvimento humano é mediado por outros indivíduos que introduzem a cultura do seu grupo, o texto é permeado por mediações de outros textos.

O aluno parte do conto célula, “A moça Tecelã” de Marina Colasanti, planeja suas ações e ao fazê-lo compara, deduz, organiza seu pensamento e o expressa não só através das palavras. Há todo um movimento de agrupamento de informações, conceitos e significados, que leva a um entendimento do texto. Ele cria e recria partindo dos significados apresentados inicialmente no conto, arrolando produções de índole diversa: resumos, contos, poesias, figuras, etc.

Na formulação da *homepage* ele descortina e amplia a capacidade de acúmulo de informação e memória que todo texto traz consigo ao nascer. Cada link é um outro texto que é gerado por uma prática de leitura e produção que não é resultado de uma fala vazia, mas de um discurso interior, resultado do diálogo de diversos textos.

Essa utilização do computador como ferramenta pedagógica na leitura e produção de textos, oferece aos estudantes uma visão do conhecimento científico atrelada ao conhecimento empírico. "Uma técnica não se converte em uma ferramenta até que a saiba manejar e lhe aplicar a criatividade, a imaginação e o saber" (DUGUD, 1981). O hipertexto é um recurso que ajuda a superar algumas dificuldades de escrita e introduz ou melhor, recupera o aspecto lúdico e artístico ao texto.

Ele traz uma mudança conceitual do ser homem e de suas relações sociais à medida que o estrelar do texto o faz perceber as diversidades culturais que o compõe. Essa visão das partes que o levam ao todo lhe dão um entendimento do trabalho coletivo, interdisciplinar que deveria reger a rotina.

3.2 DURAÇÃO

O proposta de Ciberleitura precisa ser coordenado pelo professor de Língua Portuguesa, de Literatura Brasileira e um funcionário .

Duração do projeto: dois meses, duas aulas por semana.

Quantidade de aulas: 16 aulas

3.3 LOCAL E PÚBLICO ALVO

Turma de primeiro ano de Ensino Médio da rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná. Normalmente as turmas têm de trinta a quarenta alunos.

3.4 INSTRUMENTOS

Os Colégios da rede pública de ensino no estado do Paraná, quando possuem salas de informática, são equipados por 10 microcomputadores multimídia (PC 486 com 8 a 16 MB de RAM), não dispendo de conexão à Internet, Windows 95, softwares para edição de textos e planilha eletrônica e uma impressora matricial. Para a realização do projeto, precisa ser instalado o Internet Explorer 4 juntamente com o editor de homepages FrontPage Express, softwares distribuídos livremente pela Microsoft.

3.5 PROCEDIMENTO

Como normalmente os alunos não tem experiência em navegação da Internet em navegação, para que eles poderem internalizar conceitos como navegação, link, *hiperlink* salvou-se um *site* de literatura em disquete e este foi copiado para o disco rígido, possibilitando assim, a simulação de uma navegação.

Os alunos possuem semanalmente quatro aulas de Língua Portuguesa. O projeto será desenvolvido uma vez por semana durante duas aulas. Dividem-se a turma em dois grupos, cada um de quinze a vinte alunos. Enquanto uma turma permanece no laboratório a outra fica na sala de aula, tendo cada aula 50 minutos.

Há necessidade de dois professores e um funcionário. No laboratório atuam, geralmente, um professor e um funcionário enquanto um outro professor fica na sala de aula havendo um revezamento entre os professores de Língua e Literatura, onde os conteúdos programáticos da grade curricular são ministrados. No laboratório as aulas têm como alvo a produção de *homepages*.

Para desenvolver essa atividade, inicialmente os alunos envolvidos no processo recebem nos dois primeiros encontros noções básicas também de MS-Word e Internet.

O ponto de partida é o conto, “A moça Tecelã”, que é escaneado, corrigido, salvo em *html* (sem plano de fundo) e transportado para todas as máquinas, pois elas não estão em rede.

Este texto foi escolhido por ser atual, por estar presente nos livros didático, por ter a liberdade feminina como temática, aproximando-se assim dos adolescentes.

O primeiro contato com o texto deu-se na leitura em meio eletrônico. Após o estudo do mesmo, os alunos recebem o texto impresso para poder relê-lo em casa, uma vez que a maioria não possui computador, nem tem acesso ao mesmo nas empresas onde prestam serviços. Trabalha-se com a informática e com a impressão lado a lado sem menosprezar um ou outro.

O trabalho de interpretação do conto é paralelamente trabalhado em sala de aula. Muitos iniciam na sala e em casa também produções próprias que dá origem a poesias e contos sobre o tema do conto base. Os encontros no laboratório restringe-se inicialmente mais ao domínio dos menus e barras de ferramentas. No segundo contato com o conto em meio eletrônico os alunos já abrem novas páginas e inserem *links*.

Passa-se a construir então novas páginas para serem linkadas ao conto mater, iniciadas com a biografia da escritora Marina Colasanti e a construção de sua própria biografia.

Durante esse processo, um encontro no laboratório é destinado para apresentação das obras de literatura em português que podem oferecer subsídios aos alunos na construção de novas páginas literárias. Como é notório, as escolas públicas contam com bibliotecas cujos acervos são parcos, os alunos emprestarão livros de bibliotecas públicas e dos Faróis do Saber.

Os livros de poesias e foram dispostos no chão, um ao lado do outro. Eles são previamente escolhidos pelos professores, tendo como critério de seleção serem autores brasileiros ou portugueses. Os alunos sentam-se ao lado destes e os professores fazem a apresentação informal de alguns deles, lendo inclusive algumas poesias e questionando-os onde elas poderiam ser linkadas.

As próximas aulas são destinadas à produção de páginas novas (com produções próprias e de outros escritores) e colocação de plano de fundos e imagens nessas páginas. O passo seguinte é linkar essas páginas a alguma palavra do conto "A moça Tecelã".

O uso do computador não reforça as formas tradicionais de ensino, somando-se a tantas outras tecnologias, cujo o processo é centrado no professor. Sua utilização altera a rotina escolar e os métodos de organização de trabalhos, pois os processos de leitura e escrita estão integrados em um contexto estrutural de mudança de ensino aprendizagem em que o professor e os alunos vivenciam processos de comunicação abertos de participação interpessoal e grupal.

A pedagogia que encontramos no hipertexto (*homepage*) não é mais da instrução direta e explícita pelo professor. O trabalho de leitura, interpretação e produção de um conhecimento através de erros e acertos, da internalização das informações é priorizado.

A criação de uma *homepage*, faz com que o aluno se depare com uma escrita não linear, pois pode-se fazer uso de imagens, palavras e sons simultaneamente, possui mobilidade espacial. A utilização desses recursos para ampliar ou representar o texto dão a página um aspecto lúdico que transforma o ato de ler e escrever em uma aprendizagem em forma de jogo. O agir desse ambiente virtual, o indivíduo estabelece a interação entre os textos construídos que convergem num único texto. Cada *link* criado é um outro texto que é gerado por uma prática de leitura e produção que é resultado do diálogo de diversos textos.

Não contando mais com o papel, a caneta porque agora o aluno escreverá num teclado, lerá na tela; ele efetuará processos de compreensão mentais mais complexos, diferente daquela do papel que ele já dominava. Essa forma de escrita e leitura ativa processos mentais de leitura e escrita diferentes até então. Não se trata de dar ênfase a mais uma habilidade motora, mas sim, levando-os a observar como se dá o processo cultural e complexo de construir frases, textos, mudando inclusive o perfil da pesquisa escola.

Na formulação da *homepage* é ampliada a capacidade de acúmulo de informação e memória que todo o texto traz consigo ao nascer. Cada link é um outro texto que é gerado por uma prática de leitura e produção que não é resultado de uma fala vazia, mas de um discurso interior, resultado do diálogo de diversos textos.

CONCLUSÃO

O uso do computador não reforça as formas tradicionais de ensino, somando-se a tantas outras tecnologias, cujo o processo é centrado na figura do professor. Sua utilização altera a rotina escolar e os métodos de organização de trabalhos, pois os processos de leitura e escrita estão integrados em um contexto estrutural de mudança de ensino-aprendizagem, onde professor e alunos vivenciam processos de comunicação abertos, de participação interpessoal e grupal.

A pedagogia que encontramos no hipertexto (*homepage*) não é mais da instrução direta e explícita via professor. O trabalho de interpretação e produção própria caminham lado a lado com o de compilação. Ao lado de textos canônicos tem-se as produções dos alunos. Os dados colhidos são expostos em seqüência, mas também em confronto. A coleta de informações tem seu lugar de destaque, mas a construção de um conhecimento através de erros e acertos, da internalização da informações é priorizado. A interação que está tão presente nos projetos políticos pedagógicos das escolas, mas ao mesmo tempo tão longe da realidade das salas de aula, aqui é colocada em uma atividade possível de ser colocada em prática.

Percebe-se apesar de não ter sido colocada em prática; mas foi modestamente discutida; a introdução da ciberleitura nas aulas de Língua Portuguesa pode diminuir a distância entre os tecnologicamente providos a aqueles sem acesso a tais recursos, não somente oferecendo sua entrada nessa nova realidade de conhecimento, mas promovendo um refletir criticamente sobre seu uso e o que se veicula, pois a liberdade com a qual se apresenta uma das imperativas da Internet é um hiperconjunto de informações.

O uso do computador nas aulas pode construir o conhecimento de maneira diferente, pois as estratégias e os métodos de aprendizagem encaminham o aprendiz a uma experiência mais autônoma; pois passa-se a trabalhar com vários recursos: sons; palavras; cores; movimentos e a aprendizagem torna-se mais independente, ela se desvincula da instrução direta e explícita via professor.

Concluiu-se também que se o fracasso escolar se dá, na maioria das vezes porque a instituição educacional possui seus programas objetivos e voltados somente para habilidades cognitivas, de forma automática e não respeitando as diferenças. O uso da Internet pode possibilitar que o aluno amplie o universo da

pesquisa trazendo o sucesso e o interesse com a leitura e a pesquisa. O desenvolvimento desse projeto no contexto do ensino médio pode suscitar uma outra lógica de valores que não fazia parte daquele contexto educativo.

Outras operações cognitivas passaram a ser valoradas, como o processo de compilação, havendo sobretudo a abertura para uma visão da obra literária como um objeto que pode ser tocado, decomponível, sujeito à subjetividade e à percepção do intérprete. Cada texto compilado e relacionado é resultado do olhar interpretante do leitor sobre o texto, uma atitude que o leva a concluir que o objeto literário pode ser transcendido em direções diversas, sem que nenhuma das perspectivas escolhidas consiga esgotá-lo, pois uma perspectiva sempre remete a outra, numa contínua brotação de idéias.

Ao longo dessa pesquisa, muitas foram as questões que surgiram e grande parte delas ficaram sem resposta, mesmo porque a idéia não é apresentá-las, mas suscitar perguntas, estas sim levam ao movimento de dilatação de idéias, ruptura com os padrões ou de reconstituição, de dispersão e reunião de dados, e afastando-se da comodidade.

Todo esse percurso de comentários traçado busca reforçar a premissa de que o hipertexto não consiste numa absoluta novidade, e que ele não se concretiza somente com a operação mediadora da máquina. Num primeiro momento, o hipertexto eletrônico causou uma tensão, à medida que acenou um momento de ruptura nas práticas de escrita, primeiro pela sua facilidade na arte de combinar textos e na utilização de recursos multimídias. Segundo, porque estilhaçou com a normalidade em que o leitor estava envolvido sacudindo convenções e hábitos de leitura ao popularizar uma escritura fragmentada, esta já existia no meio impresso, mas não era tão comum. E além disso, tornou evidente as possibilidades de comunicação numa velocidade nunca antes vista. O computador é, seguindo esse raciocínio, uma descoberta tecnológica que ampliou as condições de expressão, sem dúvida.

Apesar dele ser um novo suporte de veiculação de informações, de sua capacidade de armazenamento ser superior ao meio impresso, bem como da velocidade com que processa as informações ser muito maior a qualquer outro meio de comunicação, não é possível tratá-lo sem pensar que ele é uma inovação técnica

que foi introduzida na cultura impressa, a qual já estamos familiarizados, e que também trabalha com textos superpostos, sob o nome de intertextos.

Além disso, não se pode pensá-lo como se tivesse gerado uma escrita inédita e fosse a máquina de todas as máquinas e não o resultado de uma simbiose de técnicas anteriores. A técnica não pode ser vista como um projétil autônomo de grande impacto sobre a cultura já sedimentada, que parte de fora para dentro da sociedade. Mas sim como o resultado de um processo cultural que uma multidão de agentes produzem, e sua inserção na sociedade acontece num processo de sucessão e não de substituição. Sucessão da oralidade, da escrita e da informática, constituindo um complexo deslocamento de centros de gravidade. Tanto no meio impresso quanto no meio eletrônico, o hipertexto só existe quando o leitor mantém-se numa postura de busca, de curiosidade que elabora articulações possíveis com outros textos, que não ignora as trilhas alternativas propostas pelo escritor. Se a leitura é operada de forma linear, sem o mergulho nos *links*, nos intertextos, perdeu o escrito sua característica hipertextual.

Nessa perspectiva, a escrita hipertextual não depende do meio em que é transmitida, ela é uma construção composta por camadas de intertextos, uma arca de palimpsestos, que a transformam numa fala multivocal. A cultura impressa, com a qual já estamos familiarizados, também trabalha com textos superpostos, sob o nome de intertextos e também os processos textuais em meio impresso podem ser constituídos de forma que ele possa gerar uma multiplicidade de encaixes multilineares, formando uma rede que não obedece a nenhum princípio de centralidade nem de linearidade.

Nessa diversidade de domínios tecnológicos, o uso da e pela mídia apresenta-se como um *status* de poder daquele que as utiliza sobre aqueles que são desprovidos dessa possibilidade, chegando ao ponto de hoje possuímos os ditos alfabetos tecnológicos, ou ainda os plugados e desplugados em relação aqueles que utilizam ou não a Internet. Em pleno século XXI percebe-se, principalmente em comunidades mais provincianas, a convivência daqueles que possuem estranhamento frente aos primeiros meios de comunicação, os quais já fazem parte do nosso cotidiano, e aqueles que utilizam os mais avançados *media*. Enquanto os mais idosos têm dificuldades com meios de comunicação como o telefone, o qual para a grande maioria já é banal, temos crianças que dominam os controles remotos e computadores. Estes, para muitos adultos, são objetos que causam esquivança

sendo inseridos, portanto, numa esfera de incompreensão e conseqüentemente de rejeição ou apologia e esta última gerará uma aura sacralizante sobre este. Dessa forma, é necessário relativizar nossa postura frente às modernas tecnologias; para alguns grupos ela realmente causa impacto, enquanto que para outros é absorvida rapidamente, como um *continuum* dos meios que já dispomos no mercado, sendo mais um equipamento facilitador.

Ao tratar-se de avanços tecnológicos não se pode perder de vista que todo discurso revela, ou traz de maneira velada, um gesto que denuncia uma prática democrática ou autoritária. Os meios de comunicação têm a capacidade de exercer forte influência sobre o modo de vida das pessoas ditando normas sociais e comportamentais. Além disso, é importante salientar-se que ao mesmo tempo em que as descobertas técnico-científicas libertam o homem de inúmeros limites, elas não oferecem facilidades para se atingir metas sociais, reforçando a exclusão de muitos dos segmentos da sociedade que não conseguem aderir à modernização. Ao mesmo tempo em que os avanços tecnológicos colaboram para a democratização da cultura, eles apresentam o seu reverso, as dificuldades de acesso, principalmente a Internet que ainda é um meio de comunicação cujo acesso doméstico e público ainda é privilégio de poucos. Dessa forma, à escola cabe tornar menor a distância entre os tecnologicamente providos e aqueles sem acesso a tais recursos, não somente oferecendo sua entrada nessa nova modalidade de conhecimento, mas promovendo um refletir criticamente sobre seu uso e o que se veicula, pois a liberdade com a qual se apresenta uma das normas imperativas da Internet, é um hiperconjunto de megafones bradando todo tipo de informação.

Não há como negar que com a evolução para sistemas sociais mais complexos, as técnicas que se baseavam em conhecimentos e recursos locais evoluíram para sistemas globalizados. Elas alteraram conceitos de produção, trabalho e conhecimento compreendidos como produção inteligente do ser humano, cabendo agora à escola desenvolver novos hábitos intelectuais de simbolização e formalização do conhecimento, de manejo de signos e representação, além de preparar o indivíduo para uma nova gestão social do conhecimento, apoiada num modelo digital explorado de forma interativa.

Dessa forma, não é só questão de acesso a equipamentos de última geração. Mesmo algumas unidades de ensino bem equipadas enfrentam resistência por parte dos docentes que possuem pouco domínio da técnica. Para estes a tecnologia

causa grande impacto. Além disso, não são todos os indivíduos que se mantêm abertos para novas experiências; repetir práticas de ensino cristalizadas é uma via facilitadora. É certo que a escola é uma instituição que há cinco mil anos se baseia no falar/ditar do mestre, na escrita manuscrita do aluno e, há quatro séculos, em um uso moderado da impressão. Uma verdadeira integração da informática como do audiovisual supõe portanto o abandono de um hábito antropológico mais que milenar, o que não pode ser feito em alguns anos. O educador, agente catalisador de transformações para atuar no sentido de alfabetizar tecnologicamente, primeiramente deve estar ambientado nesse ciberecosistema.

Com o uso do computador nas aulas de Língua e Literatura a construção do conhecimento deu-se de forma diferente, pois as estratégias e métodos de aprendizagem encaminharam o aprendiz a uma experiência mais autônoma. Passa-se a trabalhar com uma multiplicidade de recursos: imagens, sons, palavras, cores, movimentos e a aprendizagem tornaram-se mais independentes, ela se desvinculou da instrução direta e explícita via professor, havendo um redimensionamento da função deste. A utilização dos meios informático-mediáticos o mundo mágico da multimídia, da Internet com seus conteúdos atraentes, globais e interdisciplinares alterou a rotina escolar proporcionando um reencantamento desse ambiente, de seus agentes e usuários.

Com o desenvolvimento do projeto da proposta da atividade de Ciberleitura, busca-se a utilização dos meios informático-mediáticos que possibilitaram produções multimídia e a conversão destas em páginas html, podendo assim, serem utilizadas na Internet na forma de *homepages* para a concretização da idéia do aluno enquanto autor, indivíduo agente em seu próprio ritmo. Um texto escrito, falado ou de imagens sempre é plural e exige do leitor/ouvinte uma reflexão e interpretação que estará calcada nas informações que lhes chegam pelos meios de comunicação, pelos seus referenciais de mundo. O aluno para tornar-se autor leitor, produziu e apresentou a sua produção ao montar, ele próprio, sua *homepage*, explorando a intertextualidade segundo seu interesse. Foram de sua competência o conteúdo, forma, aspecto, apresentação e o desenvolvimento do trabalho. Com seus anseios, com suas buscas, com suas bricolagens, auxiliado pelo professor/facilitador quando este se fazia necessário, ele pode construir saberes que lhe eram significativos e compartilhar destes com os seus pares através do *site* que criamos para a divulgação do projeto. Nesse novo ambiente, o aluno pode ser o dono de seu tempo,

construtor de sua aprendizagem, e o professor exerceu o papel de ponte, orientando a busca das informações desejadas pelos seus alunos.

O estudante nunca antes numa posição tão central, pois muitas metodologias colocam-no como coadjuvante no processo educacional, cabendo unicamente ao professor, ao mestre toda a responsabilidade pela definição do conteúdo, estratégias e método de ensino e finalmente pelo repasse do conhecimento acumulado pela história da humanidade, é chamado a sugerir, decidir, participar na definição de boa parcela do que se pretende estudar e aprender e de que maneira fazê-lo.

O uso do computador como ferramenta pedagógica proporcionou um ambiente escolar sadio para trocas de informações, auxiliando e alterando os processos de pesquisa, comunicação, troca de experiências, *workgroups* e tantas outras possibilidades que foram descortinadas no decorrer do processo. A pesquisa uma das formas de busca e construção de conhecimento cuja elaboração de saberes faz-se em resposta aos questionamentos do aluno/pesquisador, com a utilização das tecnologias da informatização passou por um processo de renovação e se tornou uma prática fundamental nessa marcha de construção do conhecimento.

O conhecimento adquirido pela formulação de *homepages* estabelece uma dinâmica diferente daquela encontrada nos livros, na medida em que aproxima o indivíduo não só de outras realidades, pois isso a impressão já o faz, mas determina-se pela mutabilidade, pela agilidade, inserindo a comunicação na esfera da fluidez. A construção de páginas hipertextuais possibilita a integração e o cruzamento de dados num sentido multidirecional e multidimensional, introduzindo no ambiente educacional uma leitura que não obedece mais o pensamento linear, mas permite incursões diversas por um mundo labiríntico do conhecimento, impondo uma nova estratégia de leitura . O hipertexto é como uma dobra que vai se abrindo, a cada *link* ele se desdobra, multiplicando-se, uma palavra pode ser a porta para um outro capítulo, as palavras entram em ebulição e descobrimos um confluir de idéias, de fundo falso em fundo falso, uma camada recobrimo a outra.

Apesar das semelhanças encontradas entre o hipertexto e outras formas de comunicação, existe um caráter novo na estrutura das páginas da Internet. Explorando a utilização do hipertexto, o usuário não só navega como interage com o texto lido de forma imediata, havendo a possibilidade de exposição e discussão de suas idéias entre várias pessoas de diferentes lugares *on-line*. Ele está à disposição de qualquer usuário e possibilita o acesso direto a informações científicas ou não,

via a rede mundial de computadores. Todo esse processo é um outro tipo de acesso ao patrimônio da cultura humana, uma prática cujo princípio norteador é a interatividade. As mídias, principalmente depois da proliferação da Internet, têm preocupado-se muito com a situação dos usuários, busca-se formas de promovê-lo de mero espectador a ator, pois trocar simplesmente de canal não corresponde mais as expectativas do utilizador, este quer manipular e decidir sobre o uso e o conteúdo em questão. Assim, um dos objetivos foi explorar o caráter interativo que o hipertexto eletrônico oferece ao usuário pela inserção de *links*. É um conhecimento vinculado à prática, pois a formação educacional que se almeja atualmente busca a utilização de métodos no qual o educando aprenda a aprender, que o torne apto a enfrentar e decidir a cada nova situação que surja. Um indivíduo que opere reflexões sobre as atividades desenvolvidas, que saiba trabalhar coletivamente e de forma interdisciplinar, enfim que seja ator no processo educativo e que possua uma conduta criativa.

Ao utilizar-se do meio eletrônico o escritor tem a liberdade de colocar diversas chaves de leituras no texto, materialmente visíveis, e cada palavra pode abrir-se para uma multiformidade de significados. Trata-se de trabalhar com essa nova dialética entre obra e intérprete a qual permite ao leitor, segundo Eco, fazer abstrações de outros significados possíveis e legítimos da mesma expressão. A criação literária em suporte eletrônico abre possibilidades de variações interpretativas no interior de cada texto, pois o estudante pode introduzir som, imagem, vídeo, verdadeiros parênteses que vão constituir um conjunto de mensagens organizadas em torno de um tema, deflagrados às vezes, por uma única palavra. Confiados à iniciativa do leitor-escritor, cada texto produz outro texto, numa exploração das estruturas semânticas que podem ser ilimitadas pela capacidade de armazenamento da máquina.

Não é a simples combinação de textos justapostos, os quais podem ser abertos com um simples clicar do *mouse*, que aponta o valor desse tipo de construção e leitura textual. Mas, todo o processo de interpretação pelo qual passa o leitor, o percurso mental efetuado para criar as estruturas que no computador aparecerão sinalizadas como *links*. A criação de *homepages* trabalha com textos combinatórios, e exige do criador uma atitude de investigador, de pesquisador. Para poder relacionar um texto a outro texto, o criador necessita planejar, investigar, ler, confrontar textos, compilar e selecionar o material literário e descobrir, através da

reflexão e análise, vínculos entre os textos, estágios do processo de compreensão e interpretação textual. Cada *link* é resultado das ressonâncias produzidas pelo texto e o produto é um repertório literário bastante vasto.

Enfim, essa proposta tenta oferecer uma educação mais voltada ao questionamento, provocadora, que considerasse as dúvidas e os anseios do educando como estágio essencial para o seu amadurecimento. Espera-se, assim ter oportunizado momentos de reflexão crítica que instigam a discussão das razões epistemológicas e empíricas do advento das recentes tecnologias de informação, pois a tecnologia é imposta, sem, na maioria das vezes, percebermos sua inserção no dia a dia. Acredita-se ter modestamente colaborado para o debate sobre a inserção das modernas tecnologias no ensino, repensando o papel da escola frente as mesmas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, José Carlos P. Filho. **Dimensões Comunicativas do Ensino da Língua.**

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador.** São Paulo: Unesp, 1998.

CHARTIER, Chartier. **Cultura Escrita, Literatura e História**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COLASANTI, Marina. **Contos brasileiros contemporâneos**. São Paulo, Moderna, 1991. p. 55-7).

CRISTINA, Tereza. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p.109.

ECO, Humberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1986. p.40.

ECO, Humberto. **Conceito de texto**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

FLAVELL, John H. **A psicologia do desenvolvimento de J. Piaget**. São Paulo, Ed. Pioneira, 1975.

GERALDI, João W. Geraldi. **Portos de Passagem**.

GORMAN, Richard M. **Descobrendo Piaget**. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1976,

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**. Vol. 1 e 2. Rio de Janeiro: editora 34, 1999.

KAFMAN, Ana Maria. RODRIGUEZ, Maria Helena. **Escola, Leitura e Produção de textos**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1995.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

KRAMER, Sônia, SOUZA, Solange Jobim e. **Histórias de professores**. São Paulo Ática 1996.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento da era informática**. Rio de Janeiro, 1993.

LITWIN, Edith. **Tecnologia Educacional: Política, História e Propostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LOPES, Joseane. Vygotsky teórico social da inteligência. **Revista Nova Escola**, Dezembro, p. 33-38, 1996.

MAGNANI, Maria do Rosário M. **Leitura, Literatura e Escola**. São Paulo: Martins Fontes 1989.

MACHADO, Ana Maria. **Conversas sobre leitura e política**.

MARINHO, Marildes. **Ler e Navegar Espaços e Percursos da Leitura**. Campinas. Mercado das Letras, 2001.

MIKHAIL, Bakhtin. **Maxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

MOITA, Luiz Paulo da. **Oficina de Lingüística Aplicada**.

MORAES, Maria Cândida (Org). **Educação a distância, fundamentos e práticas**. Campinas: Unicamp/Nier, 2002. Disponível em: <www/nied.unicamp.br/ola/pub/livro3/index.html> Acesso em: 06 de abril 2004.

ROSING, Tânia M. K **A formação do professor e a questão da leitura**. Passo Fundo. Universidade de Passo Fundo, 1996.

ROSING, Tânia M. K. **Do livro ao cd rom, novas navegações**. Passo Fundo. Universidade de Passo Fundo. 1999.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. Porto Alegre. Artmed, 1999.

VYGOTSKY, L. **Pensamento e linguagem**. SP, Martins Fontes, 1988.

VYGOTSKY, L. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. SP, Ícone, 1988.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de Bibliotecas. **Normas para apresentação de documentos científicos**. Curitiba, ed. Da UFPR, v. 2 e 6, 2000.

YUNES, Eliana. **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.

ZIBERMAN, Regina, SILVA, Theodoro da. **Leitura perspectivas interdisciplinares**. 4 ed São Paulo: Ática 1998.

A Moça Tecelã
(Marina Colasanti)

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para o outro e batendo os grandes pentes do tear para a frente e para trás, a moça passava seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comida. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranqüila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando na sua vida.

Aquela noite, deitada contra o ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, por algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque, descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

- Uma casa melhor é necessária - disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente. - Por que ter casa, se podemos ter palácio? - perguntou. Sem querer resposta, imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates de prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal, o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

- É para que ninguém saiba do tapete - disse. E antes de trancar a porta a chave advertiu: - Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e, jogando-a veloz de um lado para outro, começou a desfazer o seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio. E todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido, estranhando a cama dura, acordou, e espantado olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

(COLASANTI, Marina. **Contos brasileiros contemporâneos**. São Paulo, Moderna, 1991. p. 55-7.)